

Reflexão e Ação: Abril-2013

A importância dos limites na vida da criança

Qual é o melhor atrativo para desviar a atenção de uma família, senão uma criança? Ela chega para transformar vidas, alterar a rotina de um lar, determinar o ritmo da casa: os horários, os programas de televisão, o cardápio e até as atividades de lazer. Dotada de uma capacidade infalível de persuadir, detém técnicas implacáveis para domar gente grande. A sua eficácia é tamanha que, com um simples gesto, lança por terra defesas, rui as estruturas, pois sabe o momento exato para derramar uma lágrima ou abrir um irradiante sorriso para consumir suas conquistas.

Com essas táticas infalíveis, monopoliza um lar. Se não for refreada, perde a noção de limites. Porém, muitos pais esbarram no sentimento no momento de agir e pecam por acreditar que amor é fazer todas as vontades e liberdade é sinônimo de criança feliz.

Para educar num mundo repleto de influências, é necessário delimitar espaço, definir papéis e não abrir mão de itens fundamentais — educação social, educação religiosa e escolarização —, tão indispensáveis que, há milênios, o maior de todos os livros já alertava: “Ensinaí à criança o caminho em que ela deve andar, e, mesmo depois de velha, ela não desviará dele” (Prov. 22:6).

Mas até onde os pais podem atender às exigências, às imposições e aos desejos da criança? Como impor limites num ser imaturo, impregnado de vontades, sem causar danos psicológicos ou emocionais?

Formar a personalidade é um desafio. Uma dúvida inquieta especialistas e ecoa a todo instante na cabeça dos pais: Como impor limites aos filhos?

Como não existe fórmula pronta, famílias estão em constante busca de alternativas, mas poucas conseguem educar os filhos com limites, pois muitos pais acham graça das birras, dos atos de desobediência. Fecham os olhos para a razão e, quando caem em si, deparam-se com criaturinhas indomáveis, que desconhecem o que é limite e respeito.

A criança capta, através da sensibilidade aflorada, as fraquezas dos pais e monta o seu arsenal para vencer aqueles que a cercam. Ela já nasce com a marca da grega Hera — a deusa dos deuses, que rege o casamento — e declara desde a sua chegada: “Decifra-me ou te devoro”. Antes mesmo de dar os primeiros passos, de proferir uma palavra, aprende a arte de envolver a família à sua volta e, à medida que ganha autonomia, maturidade, sente-se “dona do pedaço”. Todos entram na sua mira: pais, tios, avós, coleguinhas... E, se não forem contidas, em pouco tempo, birras e pirraças se convertem em agressões físicas e verbais.

Segundo o jornalista e historiador André Fontaine, “todo adulto é, basicamente, o resultado direto dos limites que recebeu quando criança, de como eles foram colocados, recebidos, entendidos e aceitos”. A falta de limites na infância é uma das principais razões da existência de jovens rebeldes e adultos e profissionais fracassados. O excesso de liberdade rompe a ligação de relacionamento entre pais e filhos, que vivem em constante pé de guerra, na disputa sobre quem manda e quem obedece.

A indisciplina infantil é gritante: mordem; chutam; empurram; cospem; proferem palavrões e insultos; arremessam objetos por um simples “não” recebido; e, por acreditarem que podem tudo, armam o palco e dão o seu espetáculo em porta de lojas de brinquedos, shopping centers, sorveterias e parques de diversões.

Determinar limites na fase da formação da personalidade é fundamental para ostentar um relacionamento estável e proporcionar a formação do indivíduo que passa a refletir sobre seus valores, seus direitos e suas obrigações no seio da família e, posteriormente, na sociedade.

Pais que amam não são aqueles que cedem sempre, que têm um “sim” na ponta da língua e as mãos sempre abertas, prontas para doar. A verdadeira arte de ser pai é saber dizer “não”, mesmo em situações em que o “sim” poderia sobressair. Somente assim a criança não crescerá acreditando que tem direito a tudo e que pode tudo.

Na busca de saídas, pais recorrem à escola, e esta, por sua vez, repassa a responsabilidade. Afinal, de quem é o compromisso de impor limites à criança?

Resgatar princípios é um desafio para famílias e escolas. Infelizmente, na maioria dos casos, não há diálogo nem disciplina, porque a criança depende do adulto, principalmente na formação do vocabulário para expressar sentimentos, medos e frustrações.

Pais e educadores devem rever os conceitos de punição, recordar que já foram crianças e evitar repetir erros que provoquem traumas ou comportamentos errôneos.

Abra mão da ideia de que “o meu pai foi assim comigo, e eu também serei com o meu filho”. O mundo evoluiu numa rapidez alarmante desde o seu nascimento, as influências atuais exigem um novo formato de educação. Os métodos que funcionaram com você podem não funcionar com o seu filho. Siga apenas os bons exemplos, pois a única fórmula copiada que ainda funciona são os princípios morais e religiosos, que, mesmo assim, vêm sofrendo mutações.

É importante que família e escola permitam que a criança seja realmente criança. Respeitar a fase de brincar, sonhar, se divertir... É nessa trajetória que ela se descobre no mundo, adquire segurança, autoconfiança e, na sequência de descobertas, se projeta como construtora do próprio conhecimento. O que não pode ser permitido é que esses pequeninos não tenham limites e dominem, como se a casa, a escola e as pessoas fossem meros objetos de suas vontades.

O exemplo tem que partir dos pais, através de atos e atitudes. No momento de agir, eles devem abrir mão da emoção, dos sentimentos, e seguir apenas a razão. É melhor serem duros, radicais, do que passarem o resto da vida lamentando as decisões não tomadas e perderem o seu filho para o mundo que está aí, de braços abertos para acolhê-lo.

Para atingir esse alvo, pais têm que assumir uma postura para equilibrar o relacionamento. A criança precisa entender porque isso ou aquilo pode ou não ser feito. Esse entendimento gera a consciência. A criança aprende com os atos dos adultos, e, se pai e mãe brigam, se agridem, não se respeitam, conseqüentemente o filho vai seguir o mesmo caminho.

Apesar de tantos exemplos, muitos pais ainda confundem educação com formação. Podemos matricular nosso filho numa escola que lhe propicie uma educação de

qualidade, mas é preciso o complemento que é a formação moral, religiosa e, principalmente, ética para respeitar limites e resistir às tentações do mundo.

Mas até onde os filhos são dos pais ou do mundo?

O erro maior é criar os filhos para si, e não para o mundo. Poucos estão preparados para uma separação. O rompimento do cordão umbilical é um curso natural. Eles crescem, exigem o seu espaço, querem a sua tribo e vão lutar por sua independência. Cabe aos pais prepará-los para encararem os desafios de um mundo que exige a formação da personalidade, do caráter, e o conhecimento das regras de convivência. Pois ética, caráter, respeito e limites são valores gerados exclusivamente no seio da família. A escola vai apenas moldá-los e amadurecê-los.

Aplicar pena nem sempre é uma boa ação. O castigo, se não for corretivo, pode ter efeito contrário, pois a mente da criança é um terreno fértil, em que tudo o que se plantar germina. E, se quisermos jovens e adultos disciplinados, temos que preparar esse terreno com cuidado, um código de conduta deve ser estabelecido para que a criança se convença de que determinadas regras são valores que enriquecerão o relacionamento familiar e, conseqüentemente, serão praticados no convívio social.

O primeiro passo é saber dizer "não", para que a criança não cresça acreditando que pode tudo. A consciência de que sempre existirá algo para conquistar, um motivo para atingir objetivos e propósitos através de seus valores — valores que a maioria não adquire na infância e que somente na fase adulta são notados. Muitos se perdem; pois, nessa trajetória, as regras são impostas pelo próprio meio, e uma das normas invioláveis é respeitar limites, principalmente os do semelhante.

A psicóloga Tânia Zagury acredita que "Limite é dizer 'sim' sempre que possível e dizer 'não' quando necessário" e mais: "Limite é saber conviver com a frustração e adiar satisfações".

No conflito entre disciplina e limite, na dúvida entre o "sim" e o "não", pais se desesperam por terem permitido que os seus filhos fizessem o que queriam, simplesmente por serem crianças.

Muitos, para se esvaírem, culpam a sociedade moderna, que permitiu a extinção de valores, destruiu princípios, alterou ensinamentos... Outros atacam os meios de comunicação que instigam, através dos seus programas, a violência e a desobediência. E ainda há aqueles que condenam o sistema de ensino que não educa. Mas muitas crianças chegam à escola tão dependentes que algumas não conseguem comer sozinhas. Professor tem que ser tudo, principalmente babá.

A maioria dos pais não percebe que, ao se distanciarem dos filhos na busca de status e realizações pessoais, deixando-os à mercê de empregados, babás, não estão fazendo tudo. Para muitos, casa confortável, mesa farta e uma boa escola são suficientes para um futuro promissor. Não despertam a consciência de que a participação é fundamental, só a presença não basta. Educar exige envolvimento emocional, comprometimento para acompanhar as mudanças físicas e biológicas que influenciam no comportamento.

No confronto entre a maturidade e a inexperiência, discussões e momentos de carinho e afeto muitas vezes se chocam com sentimentos e incompreensões. Nessa transição, a maturidade deve imperar, e o que não pode ocorrer é o desrespeito. É preciso equilíbrio para que mágoas e desapontamentos não afetem sentimentos nem abalem a confiança.

Pais devem ser a âncora, a rota, a voz e o silêncio. A âncora que ampara, proporciona segurança, estaciona num porto seguro; a rota que conduz ao crescimento humano e pessoal através da experiência; a voz para falar — não para conter, mas para indicar o caminho —; e o silêncio para ouvir os medos, captar as fraquezas, entender as inseguranças e as necessidades de uma criança que necessita de gestos de carinho, palavras de incentivo, atitudes corretivas e calor humano para formar o elo do afeto. Afinal, crescer é tão difícil quanto nascer. Há que se estar pronto para enfrentar os desafios de um novo mundo.

Fonte: Nildo Laje, Revista Construir Notícias